

SÉTIMO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA
EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA



História da Educação Matemática nos caminhos do
mundo digital e da democratização do conhecimento

Jogando na Roda: reflexões sobre potencialidades de Rodas de Conversas para a produção de dados para pesquisa com História oral

Playing on the Circle: reflections about potential of Conversation Circles for producing research data with oral history.

Júlia Gabriele Silva¹

Maria Ednéia Martins²

Resumo

Neste artigo trazemos reflexões a partir de uma revisão de literatura, sobre potencialidades de Rodas de Conversas para a produção de dados para uma pesquisa de mestrado, em fase de desenvolvimento, na qual assume-se a História oral como perspectiva de pesquisa. A pesquisa em andamento intitulada “Mulheres no campo e suas possíveis relações com a Matemática: um Estudo de Caso em assentamentos no interior de São Paulo”, visa problematizar relações matemáticas, formais ou não formais, que se manifestam em história de mulheres que trabalham com o escoamento de produtos agroecológicos em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para a realização da pesquisa, serão realizadas entrevistas individuais e/ou coletivas em Rodas de Conversas com mulheres que vivenciam este contexto do campo. Nossa revisão de literatura vem apontando ser potente a produção de dados em situações de Rodas de Conversas, sendo estas uma oportunidade de produção de conhecimento coletivo ao mesmo tempo em que se produz os dados de pesquisa, junto a um público mais amplo, sendo uma possibilidade importante para o campo da História da Educação Matemática.

Palavras-chave: História oral; História da Educação Matemática; Narrativas Coletivas; Mulheres do campo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciência, Unesp - Câmpus Bauru-SP e é membro do grupo de pesquisa História oral e Educação Matemática (Ghoem). E-mail: julia.g.silva@unesp.br.

² Doutora em Educação Matemática pelo Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Unesp, campus Rio Claro-SP. Atua como professora no Departamento de Matemática e do Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciência, Unesp - Câmpus Bauru-SP e é membro do grupo de pesquisa História oral e Educação Matemática (Ghoem). E-mail: maria.edneia@unesp.br.

Para início de conversa

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento que tem como objetivo identificar possíveis matemáticas que se manifestam em narrativas de mulheres assentadas que trabalham em cooperativas e/ou em atividades de comercialização de produtos agroecológicos, por meio da História oral. Neste recorte, trazemos para o debate apontamentos e reflexões sobre potencialidades de Rodas de Conversas para a produção de narrativas coletivas, com estas mulheres, assumindo a História oral como uma perspectiva metodológica.

As mulheres que intencionamos entrevistar, vivem em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e este movimento social tem buscado se posicionar sobre políticas de Reforma Agrária, sobre redistribuição de terras e sobre Educação no Campo. Nos assentamentos, possivelmente, encontraremos mulheres com diferentes histórias e origens: aquelas que nasceram no campo, outras nascidas na cidade, ou até mesmo as que nasceram dentro do próprio assentamento, o que permite nos depararmos com diversas vivências, experiências, formações escolares e relações com a Matemática.

Desse modo, se pode justificar a utilização da História oral como metodologia de pesquisa como uma forma viável, visto que poderemos entrevistar mulheres que trabalham em cooperativas agrícolas ou que desenvolvem atividades relacionadas ao escoamento da produção agrícola dos assentamentos do MST a fim de conhecer e apresentar essas várias vivências e como a Matemática participa de suas vidas e atividades profissionais.

Ao trabalharmos a produção de narrativas a partir de situações de entrevistas, vimos refletindo sobre a possibilidade explorar tanto as entrevistas individuais - com as quais o grupo de pesquisa ao qual estamos vinculadas têm sólida experiência - quanto por meio de entrevista(s) coletivas, por meio de Roda(s) de Conversa, com a participação de algumas colaboradoras da pesquisa de forma simultânea e com a comunidade universitária, no ambiente da Universidade.

Para a(s) Roda(s) de Conversa nossa proposta é que estas mulheres possam compartilhar suas experiências com a produção agrícola, permeada pelo conceito de agroecologia e agricultura familiar, e suas atividades em cooperativas e no

escoamento da produção.

Como resultados, esperamos dar visibilidade às mulheres que trabalham em cooperativas e/com atividades agrícolas, bem como àquelas envolvidas nos fluxos de produção agrícola nos assentamentos do MST, além de produzir dados para nossa pesquisa, trazendo para o debate e pautas acadêmicas temas relacionados ao meio ambiente, Estudos de Gênero e Educação do Campo.

Abrindo o Bico

Durante essa seção, iremos abordar elementos que compõem a metodologia em construção para essa pesquisa e quais as potencialidades de se utilizar essas narrativas para a construção de dados desta investigação.

A pesquisa é de caráter qualitativo, seguindo todas as normas éticas rigorosamente. A metodologia da História oral será usada para produzir entrevistas com mulheres de assentamentos no interior de São Paulo que trabalham em cooperativas agrícolas e/ou atuam no escoamento da produção agrícola.

Lüdke e André (1986) afirmam que a pesquisa qualitativa tem várias características fundamentais, sendo elas: o pesquisador é o principal instrumento, o ambiente natural é a fonte direta de dados coletados. A análise é geralmente é indutiva, o foco está no processo em vez do produto, e os dados são principalmente descritivos.

E por que utilizar entrevistas para obter dados para a pesquisa? Durante uma entrevista, há uma troca de interação entre o entrevistador e o entrevistado, criando uma atmosfera de reciprocidade entre eles. Também se observa a flexibilidade na obtenção de informações, pois cada entrevistado tem sua própria visão de vida, o que pode levar a resultados diversos e à ampliação dos conhecimentos. Isso evita que a produção de dados seja limitada e rígida, garantindo uma maior riqueza de perspectivas.

Segundo Garnica (2023), temos que a metodologia de História oral, que muitas vezes é malvista por muitos pesquisadores e historiadores, nos permite conhecer uma diversidade de temas e perspectivas:

A História oral está radicada em narrativas subjetivas, no registro de

experiências que atores sociais nos contam, e ela tem se mostrado, cada vez mais, um instrumento extremamente potente para realçar a diversidade, a multiplicidade e a pluralidade de pontos de vista que, via-de-regra, ficam, quando muito, secundarizados, mas mais usualmente são negligenciados quando, dispensando outros registros, nos lançamos apenas ao estudo de fontes padrão como os registros escolares e as legislações. (Garnica, 2023, p. 26)

Com relação a confiabilidade da construção de dados históricos por meio desta metodologia, Amado (1995) disserta:

Penso que entrevistas podem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informação. Tratadas como qualquer documento histórico, submetidas a contraprovas e análises, fornecem pistas e informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo. (Amado, 1995, p. 134)

A História sistematizada como conhecemos hoje se dá por meio de experiências individuais e coletivas, ou seja, a troca dessas experiências e coletividade pode ser abstraída por um historiador, de modo que ele tenha uma percepção mais ampla de um objeto de estudo, como explicita Neves (1999):

A memória e a História são processos sociais, são construções dos próprios homens que têm como referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade. Dessa forma, a “memória”, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida em que o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo (Neves, 1999, p. 1066).

A História oral como metodologia nos permite uma grande quantidade e diversidade de ferramentas para a produção de pesquisa, como aponta Souza e Ramos (2024):

[...] outro aspecto que merece um destaque em nossa análise diz respeito ao corpus empírico das produções analisadas. [...] a quantidade e a variedade do corpus empírico identificado, possibilitando a compreensão dos inúmeros documentos que servem de suporte para o campo da pesquisa (auto)biográfica como: desenhos, diários, fotografias, vídeos, entrevistas, rodas de conversa, grupos reflexivos, entre outros. (Souza e Ramos, 2024, p.15)

Dessa forma, ao trabalharmos com narrativas a partir de entrevistas em nossa pesquisa, temos como perspectiva duas abordagens distintas. A primeira é a realização de entrevistas individuais com cada uma das colaboradoras da pesquisa. A segunda é a possibilidade de organização de uma atividade extensionista na qual seria conduzida uma entrevista coletiva, com algumas participantes da pesquisa e

com uma plateia, tornando-se assim, uma entrevista pública, realizada por meio de Roda(s) de Conversa.

Nossa proposta envolve a criação de Roda(s) de Conversa, a qual ocorrerá no ambiente universitário e nossas colaboradoras seriam nossas convidadas. Nós, pesquisadoras, mediaremos a(s) Roda(s). Assim, além de promovermos a pesquisa, daremos palco e visibilidade a essas mulheres e a práticas agrícolas mais sustentáveis, permitimos que suas discussões sejam ampliadas no ambiente acadêmico.

Trazendo à tona

Nesta seção iremos abordar o que a literatura nos apresenta sobre narrativas construídas de forma coletiva, por meio de Rodas de Conversa, experiências de Rodas de Conversa associadas à História oral e potencialidades para construção de dados de pesquisa.

Podemos iniciar refletindo sobre o que são as Rodas de Conversa. Dentro do campo da pesquisa narrativa, as Rodas de Conversa, na visão de Moura e Lima (2015), são um método de produção de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa e produz dados para discussão ao mesmo tempo em que participa da conversa. Trata-se de um método que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas e vivências dos sujeitos.

Entendemos que a forma como as rodas são organizadas pode variar muito em termos de intensidade e estilo de condução do pesquisador. Podemos encontrar desde casos simples que apenas definem os eixos iniciais para discussão até organizações mais detalhadas que incluem dinâmicas de grupo e disposição específica de falas para interpretação e interação entre os participantes, mas sempre elaboradas pelo pesquisador, com um objetivo para a pesquisa (Pinheiro, 2020). Desta forma, Freire e Shor (1987) também contribuem para essa perspectiva:

O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer [...] Para alcançar os objetivos de transformação, o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos (Freire e Shor, 1987, p. 127)

Moura e Lima (2014), compreende que: “as rodas de conversa promovem a

ressonância coletiva, a construção e a reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo.” Ou seja, por meio de rodas de conversas, temas que poderiam não aparecer em entrevistas individuais podem ser engatilhadas durante as rodas de conversa, produzindo assim maior diversidade de temas e diálogos abordados, provocando memórias que são construídas de forma coletiva. Isso aparece também no trabalho de Petit (2012), que diz: “os resultados que podemos obter dos depoimentos nas rodas de conversa serão sempre diferentes dos alcançados nas entrevistas individuais, sobretudo nas entrevistas de História de Vida.” (p.13)

Um exemplo de que as entrevistas coletivas geram mais temas, visto a diversidade de corpos e pessoas, e que contribuem para a reflexão de dados pode ser dado pelo trabalho de Búrigo e Peixoto (2018):

Com frequência, as professoras interrompiam umas às outras: todas queriam falar, todas tinham o que dizer. Às vezes nuançavam ou completavam, às vezes corrigiam ou discordavam da manifestação da colega. Também introduziam novos assuntos, insistindo em que esse ou aquele tema não poderia ser deixado de lado. (Búrigo e Peixoto 2018, p. 23)

Pinheiro (2020) também apresenta uma visão sobre a análise dos dados transmitidos, podendo observar que as rodas coletivas podem permitir com que as falas se confirmem e se validem, tanta na sua subjetividade, quanto na sua coletividade:

As rodas de conversa são reputadas também por sua potencialidade na produção de narrativas individuais e/ou coletivas. Então, os depoimentos apresentados nas discussões são tomados para sistematização não só com finalidade devolutiva, mas com o fito de elencar conteúdos e sustentar análises sobre inserções sociais, vivências de práticas específicas, experiências subjetivas em dado tema. (Pinheiro, 2020, p. 4)

Além disso, as rodas de conversa permitem uma reflexão por parte de seus colaboradores, visto que, dialogar e debater pode fazer com que falácias e preconceitos sejam repensados, ou até mesmo pode ser criado uma consciência de alguma alienação a qual não se era percebida anteriormente pelos seus participantes, assim permitindo uma perspectiva crítica por meio do diálogo e educando os próprios participantes, como podemos observar no trecho do texto de Lisboa (2020):

A escolha da roda de conversa como método para manifestação das

falas dos alunos cumpre, então, para nós, duplo papel: o de nos possibilitar ter acesso aos enunciados que precisávamos para a pesquisa e também proporcionar aos alunos um momento de discussão para construção política de sua forma-sujeito. (Lisbôa, 2020, p.168)

Outro ponto importante de se refletir seria sobre as entrevistas públicas, aquelas perante a uma platéia que participa das rodas de conversa ou mesas redondas. Dessa forma, incentivar a participação do público é um dos principais motivadores para a organização desse tipo de entrevista. O espectador pode se tornar um participante de diferentes maneiras e em diversos níveis. (Santhiago, 2021)

Além disso, as entrevistas públicas implicam também autenticar ou fortalecer a condição de igualdade, reconhecendo cada indivíduo como capaz de produzir e comunicar narrativas. Isso envolve integrar a História oral na escrita pública, restituindo o "espaço de visibilidade presencial", "compartilhado presencialmente pelos indivíduos em contextos de co-presença" (Mafra, 2008). Ou seja, além de ter maior contribuição para a narrativa, temos uma valorização do entrevistado, que pode ter visibilidade sobre sua história e seus ideais.

Particularmente no campo da História da Educação Matemática, mobilizando a História oral, destacamos o Trabalho de Conclusão de Curso de Fabrício (2022), para a qual os dados foram produzidos em rodas de conversa com idosos, sobre suas vivências escolares com a Matemática. A autora destaca:

O encontro com os velhos, no formato de uma roda de conversa, faz com que o desenvolvimento das ideias e lembranças, muitas vezes, acabam sendo construídas em conjunto. O recordar do outro, ou seja, através dos momentos vivenciados por outra pessoa sendo expostas, faz-se ter esse reviver de frescor daquilo que também vivemos e passamos equivalente, o que poderíamos não encontrar com entrevistas individuais. Em muitos momentos isso é notório, pelos fatos narrados, eles se lembram de uma memória parecida ou que também já passaram. Mas também existem coisas que acabaram se limitando e não sendo discutidas, devido ao meio que estavam, ou seja, totalmente íntimas, estas acabam não desabrochando e sendo guardadas. (Fabrício, 2022, p. 57).

Pensar rodas de conversas pode ser sinalizada como potencial em alguns trabalhos que estudamos, tanto para a produção de dados para pesquisas acadêmicas quanto como atividade de extensão universitária envolvendo a comunidade. Por outro lado, será necessário planejar a logística e os custos para esta

atividade, a necessidade de uma equipe de apoio para quem entrevista um grupo de pessoas.

Soltando o verbo

Podemos pensar que as rodas de conversa serão de grande potencial para nossa pesquisa em questão, visto que permitirá que memórias e reflexões individuais e coletivas ocorram.

Em questão a quantidade, podemos nos referir às diferentes temáticas que possam surgir por meio da interação entre os participantes, visto que será produzida de forma coletiva e colaborativa, ou seja, todos que participam colaboram para a construção da narrativa. Como podemos ver no trecho do artigo de Figueirêdo e Queiroz (2012):

Assim, faz-se necessário a inserção em comunidade/grupo, privilegiando o conhecimento da experiência subjetiva dos sujeitos em relação à sua vida cotidiana; do mesmo modo, o conhecimento da realidade coletiva e individual do grupo, ao se participar desse cotidiano. Essa prática pode ser compartilhada ou compreendida se o outro se sentir no lugar de colaborador do debate ou mesmo de facilitador/cofacilitador, percebendo-se mais do que como um detentor de opinião e narrativas: na verdade, como um construtor destas. (Figueirêdo e Queiroz, 2012, p. 8 e 9)

No quesito qualidade, talvez fosse possível uma consciência de classe ou até mesmo compreender uma alienação entre os participantes ou observadores, visto que por estarmos trabalhando mulheres que trabalham em Cooperativas de Agroecologia de assentamentos do MST ou o escoamento da produção agrícola. Dessa forma, as rodas de conversa são palco para uma crítica na formulação de concepções. Para as autoras Afonso e Abade (2008), temos:

Uma roda de conversa é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão. Para tal, buscamos construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra bem como o uso de técnicas de dinamização de grupo. É um tipo de metodologia participativa que pode ser utilizada em diferentes contextos para promover uma cultura de reflexão sobre os direitos humanos (Afonso e Abade, 2008, p. 19).

Ademais, quando pensando em entrevistas públicas, com participação de plateia faz com que tenhamos uma narrativa construída a partir de relações de mais pessoas, como podemos ver no trecho do trabalho de Santhiago (2021):

A entrevista pública [...], institui uma nova composição de falas; transforma a entrevista em um espaço narrativo compartilhado por ainda mais vozes; instaura um terreno de conversação com gerenciamento tripartite, que fortalece a entrevista como um dispositivo de construção de relações entre pessoas (Santhiago, 2021, p. 3).

Outra potencialidade é o aumento da visibilidade de mulheres que trabalham com atividades agrícolas. Além disso, buscamos incorporar estudos de gênero, educação do campo e temas ambientais às discussões em meio acadêmico.

Batendo um papo

Podemos concluir então que, as entrevistas coletivas por meio de rodas de conversa apresentam diversas potencialidades para a elaboração de dados para a nossa pesquisa com vertente em metodologia de História oral, visto que, além de validar e analisar entrevistas individuais, podem produzir mais temas gerados por meio colaborativo e possibilitará a conscientização crítica de alguns temas, fazendo com que os participantes, particularmente a comunidade universitária, reflitam esses assuntos.

As entrevistas coletivas e públicas servem, além disso, para autenticar ou reforçar a igualdade, reconhecendo cada pessoa como capaz de criar e compartilhar suas próprias histórias. Em outras palavras, além de aumentar a contribuição para a narrativa, há uma valorização do entrevistado, que ganha visibilidade para sua história e seus ideais.

Sendo assim, apresenta-se com uma grande potencialidade para a produção de dados da referida pesquisa em andamento, visto que ela iria ampliar, quantitativamente e qualitativamente nos temas e reflexões dela.

Referências

- Afonso, M. L. M., & Abade, F. L. (2008). Para reinventar as rodas. Belo Horizonte. *Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM)*.
- Amado, J. (1995). O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História oral. *Revista História*, 14, 125-136.
- Búrigo, E. Z., & Peixoto, F. A. B. (2018). Aprender a Ensinar: Memórias de Professoras Normalistas. *Educação Matemática em Revista - RS*, 2(19).

Fabício, M. E.. (2019). *Conte-me uma história* - narrativas de idosos sobre suas experiências com a matemática. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Matemática), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru.

Figueirêdo, A. A. F., & Queiroz, T. N. (2012). A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*. Florianópolis, p. 1-10.

Freire, P.; Shor, I. (1987). *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Garnica, A. V. M. (2023). Sobre a Formação de Professores e Pesquisadores em Educação Matemática: pontos para uma Agenda. *Educação Matemática Pesquisa*, 25(2), 21-44.

Lisbôa, F M. (2020). Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. *História oral*, 23(1).

Lüdke, M., André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Mafra, R. (2018). *Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social*. Belo Horizonte: Autêntica.

Moura, A. B. F., & Lima, M. da G. S. B. (2014). A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. *Revista Temas Em Educação*, 23(1), 95–103.

Moura, A. B. F., & Lima, M. da G. S. B. (2015). A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *Interfaces Educação*, 5(15), 24–35.

Neves, L. A. (1999). Memória e História: substratos da identidade. História: Fronteiras. *XX Simpósio Nacional da ANPUH*. São Paulo: Humanitas, p. 1061-1070. Petit, P. (2012). Reflexões sobre as “rodas de conversa” como fonte para o estudo dos movimentos sociais. *XI Encontro Nacional de História oral*. Rio de Janeiro, p. 1-16

Pinheiro, L. R. (2020). Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. *Pro-Posições*, 31, e20190041.

Santhiago, R. (2021). Levantando a quarta parede: História oral e entrevistas públicas. *Estudos Ibero-Americanos*, 47(2), e37272.

Souza, E. C. de, & Ramos, M. D. P. (2024). Insubordinações científicas: modos de pesquisa no grupo de pesquisa (auto)biografia, formação e História orais (Grafho). *Revista Brasileira De Pesquisa (Auto)biográfica*, 9(24), e1154.